

Entrevista a Victor Cavaleiro, presidente do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura

“O grupo de geotecnia da UBI está presente em todas as grandes obras da região”

Em entrevista ao Urbi Victor Cavaleiro, presidente do Departamento de Engenharia Civil e Arquitectura da UBI fala sobre alguns projectos destas licenciaturas. O docente sublinha ainda a importância da existência de projectos conjuntos com universidades nacionais e estrangeiras, mas também com grandes empresas.

Catarina Rodrigues e Eduardo Alves

Urbi – A UBI lidera o número de vitórias do Prémio Secil, um galardão atribuído aos melhores projectos de Engenharia Civil. Isso deve-se aos métodos de ensino ou aos alunos?

Victor Cavaleiro – É o resultado desses dois factores. Na UBI temos a sorte de juntar duas vertentes: bons professores e bons alunos, daí a nossa vitória em vários prémios.

U – Essas actividades são formas de construir ligações mais fortes entre os estudantes e a UBI numa altura em que o número de alunos decresce?

V.C. – Não tem havido uma grande divulgação do Departamento em geral e dos prémios que se têm conseguido ganhar, em particular. Divulgação que, na minha perspectiva, deveria incidir sobre o Ensino Secundário, para que os alunos deste nível de ensino conheçam as potencialidades da UBI. A divulgação é feita a nível interno e noutras Universidades e instituições, mas nas escolas do Ensino Secundário da região deveria ser mais acentuada. É de salientar que para ganharmos estes prémios foi necessária a acreditação do nosso curso pela Ordem dos Engenheiros. Se conseguirmos passar a informação de que o nosso curso é dos poucos a nível nacional que está acreditado pela Ordem isso irá diferenciar-nos dos demais.

U – Neste momento, o curso funciona num pólo recente da UBI. As necessidades lectivas e de investigação do Departamento estão resolvidas?

V.C. – Este curso sofreu processos de evolução e de acreditação muito grandes. Neste momento temos 50 por cento do corpo docente doutorado e continuamos a acentuar a tónica da formação aos nossos docentes. No que respeita às infra-estruturas houve uma grande evolução. Somos dos Departamentos de Engenharia Civil do País com melhores laboratórios. O nosso ensino tem uma componente prática muito forte e importante, mas longe de estarmos satisfeitos. Quando surgem novos projectos, esses implicam quase sempre a criação de novas instalações. No caso do projecto *E-Learning* que comporta alguma envergadura estamos a ficar com pouco espaço disponível para os vários investigadores.

U – Foi o primeiro doutorado em Engenharia Civil, pela UBI. Na época referia que esta área iria ser “de excelência”. Passados alguns anos pode falar-se nessa “excelência”?



“Faço questão de ter projectos conjuntos com outras universidades”

V.C. – Pertença à geotecnia e dentro desta área a UBI tem um grupo muito forte. Com a minha tese de doutoramento dei um grande salto na cartografia geotécnica portuguesa, uma vez são muito poucas as cidades portuguesas que têm uma carta geotécnica. Lisboa está a fazê-la e o Porto tem essa carta há bem pouco tempo. A minha tese, entre outras coisas, representa a carta geotécnica da cidade da Covilhã. Neste domínio, há três escolas fundamentais em Portugal e a UBI pertence a esse grupo, onde se inclui a escola de Aveiro e a escola da Universidade Nova de Lisboa. De entre elas, e em relação à cartografia geotécnica, a UBI caminha paralelamente, quer no contexto nacional quer internacional.

U – Ainda assim os estudos e as ideias que têm origem nas Universidades são, na maior parte das vezes, esquecidas pelas autarquias...

V.C. – Quando o fenómeno é novo as pessoas tendem a ser um tanto ou quanto cépticas. Se eu tentar mostrar a carta geotécnica da Covilhã aos responsáveis pela edilidade eles não sabem o que é, logo mostram-se cépticos. Mas hoje verifica-se que é fundamental o uso de um suporte deste tipo numa cidade que quer crescer com um plano orientador dos planos directores municipais.

U – Uma recomendação do júri das provas apontava para este documento ser orientador do Plano Director Municipal. Isso chegou a acontecer?

V.C. – Não chegou a acontecer precisamente por este cariz inovador que foi introduzido. Tenho sido solicitado para resolver problemas geotécnicos de Norte a Sul do País. A UBI, com este grupo de geotecnia está presente em todas as grandes obras que decorrem na região. Acompanhamos a construção das barragens do Sabugal e Miranda do Douro, do túnel de transvase entre a barragem do Sabugal e a barragem da Meimosa, acompanhamos de perto, ao nível geotécnico a complexa rede de canais que constitui o Regadio da Cova da Beira e estamos a monitorizar um troço da A23, medindo três

parâmetros fundamentais que são os da qualidade do ar, das águas superficiais e subterrâneas e também o ruído. Para tudo isto investimos muito e contamos actualmente com equipamento que muito poucas Universidades têm, como é o caso de uma estação móvel que veio dos Estados Unidos da América e da França, que nos permite, ao longo da A23 (ou do País) monitorizar qualquer um dos parâmetros enunciados, em qualquer ponto. Neste domínio estamos a trabalhar com uma equipa composta por docentes dos Departamentos de Electromecânica, de Química e de Engenharia Civil que fez com que o trabalho desenvolvido na análise do troço inicial fosse muito bem acolhido pelos responsáveis pela auto-estrada e daí que a partir do início do próximo ano passemos a monitorizar toda a extensão da A23.

U – Como vê o crescimento urbano da Covilhã?

V.C. – De entre as cidades do interior reconheço que a Covilhã está a crescer substancialmente mais que as outras cidades. Apenas demostro alguma preocupação em questões de ordenamento do território. Questiono-me se existirá o mesmo índice de crescimento ao nível das acessibilidades e de outras infra-estruturas a acompanhar a expansão da cidade. Lembro-me que entreguei em mãos um estudo sobre as tipologias de ligações da Covilhã a Coimbra ao então primeiro-ministro, António Guterres, estudo esse que foi enviado ao Instituto de Estradas de Portugal e depois foi acabar nos gabinetes de uma empresa conhecida, mas o processo terminou ali.

U – E o que referia esse estudo?

V.C. – A importância e urgência de uma boa ligação rodoviária a Coimbra, recorrendo a túneis na Serra da Estrela. Esta solução prevê a ligação de localidades vizinhas, como a Covilhã, Manteigas, Seia e Gouveia. A solução dos túneis é a melhor, em termos ambientais e em muitos outros. O estudo que foi feito pela UBI aponta para a construção de um troço que liga a Covilhã a Manteigas em menos de 20 minutos. Nesse mesmo documento existe também uma outra solução que tem como

base a actual ligação através da estrada das Pedras Lavradas. Com um túnel de 800 metros conseguimos retirar 38 quilómetros ao actual percurso de 160, o que numa estrada com aquela tipologia é um ganho bastante considerável.

U – A construção e a concepção das cidades são também aspectos ligados à arquitectura. A UBI tem uma licenciatura dessa área a funcionar há três anos. Quais são os primeiros resultados?

V.C. – Esta licenciatura é uma mais-valia para a Universidade e para a região. Um estudo feito na altura da criação da licenciatura demonstrava que este tipo de profissionais se encontravam concentrados, grosso modo, nas áreas de Lisboa, Porto, Coimbra e Setúbal. Temos uma licenciatura que é diferente de todas as outras em virtude de estar ligada a uma escola de engenharia e também porque queremos fazer uma ponte com outras instituições. A título de exemplo, a Espanha, como país vizinho, tem das melhores escolas de arquitectura do mundo assim como a Polónia, devastada com a guerra, certamente possuirá os melhores técnicos de reconstrução da Europa. Faço questão de ter projectos conjuntos com escolas nacionais e estrangeiras assim como com grandes empresas.

U – Um curso desta natureza implica também criação e mudança nos espaços sociais envolventes. Como espera que os arquitectos da UBI modifiquem a Covilhã e não só?

V.C. – O curso de arquitectura é longo, mas gostava de ver estes alunos colocados em locais onde possam rapidamente marcar a diferença, quer nos municípios quer nos gabinetes privados. A ligação a professores de outras escolas nacionais e internacionais vai marcar estes alunos pela positiva.

U – O Departamento integrou também uma acção de Luta Contra a Pobreza, reconstruindo e melhorando habitações. Essa experiência pode ser repetida?

V.C. – O projecto foi coordenado pelo professor Castro Gomes e eu também estive nessa equipa. Foi um projecto que para além da componente de Engenharia Civil consistia em dar melhores condições de vida a pessoas que viviam em situações degradadas. Conseguimos dar um contributo para que existam melhores condições de habitabilidade. De futuro estamos abertos a integrar projectos desta natureza e outros similares.

perfil



Victor Cavaleiro nasceu em Coimbra mas diz-se um beirão de corpo e alma. A sua infância e adolescência foram passadas na Guarda. Da cidade mais alta do País recorda “os tempos de liceu”. Lisboa também “ocupou algum tempo na minha vida”, refere. A maior deslocação veio um pouco antes da Revolução dos Cravos. Entre a ida para uma ex-colónia portuguesa e a passagem à clandestinidade, num país europeu, Victor Cavaleiro optou pela segunda hipótese. Este “jovem irreverente e contrário à então política cega colonial” acabou por emigrar lembrando que “o antigo ditador ouvia muito, mas não via nada”. Paris foi o local onde esteve durante cinco anos. “Em vez de levar um banho colonial apanhei um banho cultural”, confessa Cavaleiro. Isto porque, “naquela altura Paris era mesmo a cidade das luzes, a cultura fervilhava em todos os aspectos e cantos da cidade”. Desse tempos, este homem das Beiras recorda “o bom cinema, a música e todo um conjunto de aspectos vivenciais diferentes”. Foi ainda em terras galesas que tirou um bacharelato em Engenharia Mecânica. Uma graduação que também o ligou “à grande casa que é a Citroën francesa”. Através de um intercâmbio entre a Universidade onde estudava e a fábrica de automóveis Victor Cavaleiro conseguiu a oportunidade de pôr em prática as matérias que ia aprendendo. “Esta simbiose entre as Universidades e as empresas, coisa que nunca pegou neste País, lá é trivial”, sublinha.

Regressado a Portugal, Cavaleiro obteve uma licenciatura e um mestrado pela Universidade de Lisboa, subordinado ao tema “Contribuição ao estudo dos recursos não metálicos da região da Guarda”. Teve a primeira experiência como docente na Universidade Nova de Lisboa. A área de investigação do seu mestrado iria ser mais aprofundada com “uma pós-graduação em Ciências dos Materiais, na Universidade de Sevilha”. Antes de chegar à UBI, Cavaleiro passou pelo Instituto Politécnico da Guarda, “também como docente”. Já na UBI é o primeiro doutorado por esta instituição em Engenharia Civil. Um dos mais visíveis resultados dessa tese é a carta geotécnica da cidade da Covilhã.

Em termos pessoais, Victor Cavaleiro confessa-se um apaixonado pelo futebol e um praticante de asa delta e parapente, “embora ultimamente não tenha praticado estas modalidades com a frequência desejada”.